

Fala disfluente e aquisição. Os dados de V.

Disfluent speech and acquisition. V's data.

Habla disfluente y adquisición. Los datos de V.

Ester Mirian Scarpa

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP/Brasil)

ester.scarpa@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-9021-4285>

Angelina Nunes de Vasconcelos

Universidade Federal de Alagoas (UFAL/Brasil)

angelina.vasconcelos@ip.ufal.br

<https://orcid.org/0000-0003-4376-4740>

RESUMO

Este artigo propõe analisar dados de difluência de um sujeito, V, entre 2 e 3 anos de idade, para verificar a hipótese de que trechos disfluente do enunciado não são aleatórios do ponto de vista prosódico, nem avessos à dinâmica própria da fala espontânea. Dados de reanálise morfológica, de pequenas pausas em falsos começos e declinação de F^0 também foram observados e comparados com os de amostras da fala adulta. Os resultados mostram os trechos disfluente tendem a ocorrer fora das sílabas portadoras de acento frasal. A fala da criança não exibe a mesma declinação de F^0 em sucessivas repetições e no uso de sons e sílabas preenchedoras. A conclusão é que as difluências infantis mostram a aquisição da estrutura prosódica do enunciado, numa fase de maior complexidade sintagmática e maior demanda enunciativa-discursiva na fala da criança. Recomendamos que o conceito de gagueira fisiológica seja melhor dimensionado.

PALAVRAS-CHAVE: Difluência; Aquisição; Características prosódicas.

* Sobre as autoras ver página 70.



ABSTRACT

This article proposes to analyze some disfluency data of a subject, V, between 2 and 3 years of age, to verify the hypothesis that disfluent parts of the statement are not random from the prosodic point of view, nor are they opposed to the speech dynamics. Morphological reanalysis data, short pauses in falso starts and declination of F^0 were also observed and compared with those of adult speech samples. The results show that the disfluent stretches of utterances tend to occur outside the syllables with phrasal accent. The child's speech does not exhibit F^0 declination in successive repetitions and resorts to the use of filling sounds and syllables. The conclusion is that childhood disfluencies attest to the acquisition of the prosodic structure of the utterance, in a phase of greater syntagmatic complexity and greater enunciative-discursive demand in the child's speech. It is recommended that the concept of physiological stuttering be better understood.

KEYWORDS: *Disfluency; Acquisition; Prosodic characteristics.*

RESUMEN

Este artículo propone analizar los datos de disfluencia de un sujeto, V, entre 2 y 3 años de edad, para verificar la hipótesis de que las partes disfluentes del enunciado no son aleatorias desde el punto de vista prosódico, ni son adversas a la dinámica del habla. También se observaron datos de reanálisis morfológico, pausas breves en los inicios intermitentes y declinación de F^0 y se compararon con los de muestras de habla de adultos. Los resultados muestran que las secuencias disfluentes tienden a ocurrir fuera de las sílabas con acento de frase. El habla del niño exhibe varias diferencias en la declinación de F^0 en las repeticiones sucesivas y en el uso de los sonidos de relleno y las sílabas. La conclusión es que las disfluencias infantiles muestran la adquisición de la estructura prosódica del enunciado, en una fase de mayor complejidad sintagmática y mayor exigencia enunciativa-discursiva en el habla del niño. Se recomienda dimensionar mejor el concepto de tartamudeo fisiológico.

PALABRAS-CLAVE: *Disfluencia; Adquisición; Características prosódicas.*

1 Introdução

Em trabalhos anteriores (sobretudo, SCARPA, 2015, SCARPA; DODANE; VASCONCELOS, 2018), retomamos as reflexões desenvolvidas em Scarpa, 1995, sobre os conceitos de fluência¹ e disfluência, com o fito de melhor compreender a natureza de dados que tradicionalmente têm sido excluídos das análises linguísticas, mesmo naquelas que se voltam à fala espontânea, na literatura. Trazemos, resumidamente, essas reflexões:

Fluência e disfluência têm sido vistos como termos opostos e conflitantes. Assim, a fluência seria o termo não marcado e ideal da fala. Por outro lado, a disfluência seria o termo marcado e denunciaria problemas de

¹ Não nos referimos, neste trabalho à noção corrente de fluência como desenvoltura na performance oral de uma língua estrangeira, como inicialmente desenvolvido por Ferguson, 1979. Ver Scarpa (1995), a esse respeito.

elaboração, processamento ou planejamento, normalmente de memória, de acesso lexical, isto é, dificuldade linguística ou psicolinguística. Desta maneira, seria a contraparte desviante, marginal, descartável, excessiva, errônea, imprevisível, aleatória, problemática e imperfeita da fluência.

Os trabalhos citados contestam essa visão, mostrando a distribuição entre disfluência e fluência nos dados de fala dos adultos. Os episódios de maior fluência e maior estabilidade encontram-se em partes cristalizadas, "ensaiadas", fossilizadas, congeladas. Evidenciam-se em textos lidos, ensaiados, treinados, objetivados. Já segundo a Linguística Textual, as disfluências consideradas têm tomado duas manifestações. Do ponto de vista formal, são hesitações, pausas, falsos começos, interrupções do fluxo da fala, repetições (sílabas, palavras, frases), autocorreções; do ponto de vista do conteúdo, são as basicamente instrumentais de ralentamento do fluxo informacional, digressões tópicas, paráfrases, inserções, entre outros fenômenos. Seriam estratégias para construir o texto oral; paráfrases e repetições muitas vezes não visam corrigir problemas de formulação, mas têm um papel fundamental no nível retórico, argumentativo e didático.

A fluência falada é um ideal da escrita. Fluência é uma abstração metodológica, baseada na leitura ensaiada ou "profissional" de um texto escrito ou em textos orais objetivados. O sujeito fluente integra-se em algum estilo de fala ou de comportamento social. É com esta abstração ou esta ilusão – certamente muitas vezes necessária, em termos de recorte epistemológico – que se tem trabalhado em Linguística.

Como mostram os foneticistas, a polarização entre fluência e disfluência não é adequada, pois os processos constitutivos da dinâmica geram tanto a fluência quanto a disfluência e a organização das disfluências é periódica; a hesitação não é um fenômeno aleatório temporalmente, uma vez que suas oscilações se repetem ao longo do tempo (MERLO, 2006, MERLO; BARBOSA, 2012).

Scarpa e Svartman (2012) mostram que a ocorrência das disfluências, especificamente das repetições hesitativas e dos alongamentos não-expressivos, não é aleatória do ponto de vista prosódico. A tendência de ocorrência das disfluências (alongamentos, falsos começos, repetições hesitativas) indicam tendência à ocupação de certos espaços da hierarquia prosódica. Desta maneira,

- as marcas hesitativas se dão com maior frequência com clítics prosódicos;

- não ocorrem no acento frasal, isto é, na cabeça da frase fonológica ou frase entonacional;
- quando a repetição hesitativa não envolve o clítico prosódico, mas a palavra fonológica, esta é sempre não-cabeça de frase fonológica e não-cabeça de frase entonacional.

Deste modo, tendem a aparecer mais no início dos domínios prosódicos do que nas sílabas do fim das unidades rítmicas e entonacionais.

2 Disfluências na fala infantil

É fato que a fala de boa parte das crianças de cerca de 2 anos exibe disfluências em instâncias de enunciados mais longos e mais complexos sintática, semântica e discursivamente (por exemplo, reelaboração de discurso direto para discurso indireto). As disfluências encontradas na fala infantil (a partir de cerca de 2;0 até cerca de 4 anos de idade) seriam, segundo a literatura fonoaudiológica, sintomas de gagueira fisiológica, que desapareceriam com o tempo e o desenvolvimento linguístico.

Mas tais disfluências na fala infantil, às vezes vistas como tão excessivas e mesmo desviantes, não são imunes aos princípios de estruturação prosódica. Seriam, ao contrário, marcas aquisicionais de segmentação e reconhecimento de fronteiras de palavras fonológicas dentro da frase entonacional/ enunciado prosódico; aquisição de marcas próprias da oralidade; vestígios de descongelamento (estrutural) de blocos enunciativos (CHACON; VILLEGA, 2012).

Scarpa (2015) e Scarpa, Dodane e Vasconcelos (2018) analisam dados espontâneos, de hesitação repetitiva e alongamentos não-expressivos de R, criança que adquire o português brasileiro, imersa na variedade paulista. As marcas disfluentes produzidas pelo sujeito, entre a faixa etária entre 2 e 3 anos, em conversação livre com o adulto, tendem a obedecer os princípios prosódicos de preservação da sílaba que porta o acento nuclear ou frasal, assim como na fala adulta. Quando as marcas de hesitação estão localizadas no nível do sintagma fonológico e não no clítico prosódico, elas não tendem a se situar na cabeça do sintagma fonológico ou entoacional. Tendem a aparecer, portanto, no começo e não no fim das unidade rítmicas e entoacionais.

Também há distribuição na ocorrência de fluências e disfluências. A fluência encontra-se presente em pares adjacentes ritualizados, enunciados

estereotipados, familiares, congelados, isto é, em expressões que exibem maior estabilidade.

Já os episódios de disfluência? supõem passos mais complexos tanto paradigmática quanto sintagmaticamente na elaboração do enunciado.

O excerto de diálogo abaixo (1), por volta de 2;10, é uma das primeiras produções longas de R, que tenta justificar, para a mãe, porque a chupeta estava lascada. Isso é feito através de uma narrativa inventada como parte de sua argumentação, o que causa espanto na mãe.

“O homem pegou a chupeta e deu um beliscão nela, o que causou o machucado (dodói) na chupeta”.

Há algumas óbvias diferenças entre as hesitações da criança e as do adulto: por exemplo, variações de voz (movimentos inspiratórios audíveis, trechos sussurrados) e sílabas preenchedoras. Mas, na sua maioria, as marcas prosódicas da distribuição entre fluência e disfluência já estão presentes na fala da criança.

Os enunciados da criança estão em negrito e numerados. As sílabas portadoras de acento frasal vê estão em negrito e sublinhadas.

R1. **Ela vai piká ele ## (resp) v vai## (resp) fet (sussurro)/ t/ fet ##**

Ela vai pegar ele, ## v vai## fet (sussurro)

M. Hm?

R2. **U dodói dele lá**

(Olha) o dodói dele lá.

M. Dodói de quem?

R3. **?udu po'po**

O do popô (= chupeta)

M. Do popô? Ai, coitadinho! O popô tá com dodói?

R4. **É.**

M. Ah, é mesmo, o popô tá quebrado! Deixa eu ver. Tá lá no chão?

R5. R. **tala:**

(Es)tá lá.

R6. **[u óm pi? # ?uóm pik ## (resp) uóm pika eli]# [ʔa um bili'káu ele]**

O home(m) peʔ o home(m) pec## o home(m) pega ele ## á um beliscão ele.

R7. **kotadin du popô**

Coitadinho do popô!

M. Coitadinho, né?
(2;0.12)

Por outro lado, pode-se notar que as características gerais das marcas prosódicas da distribuição entre fluência e disfluência já estão presentes na fala da criança. As marcas disfluentes encontram-se à direita das sílabas portadoras de acento frasal e as hesitações não são inseridas de modo errático, respeitando o acento frasal.

Por outro lado, alguns traços de disfluência encontrados na fala infantil não são reconhecidos como pertencentes à fala adulta. Note-se que o segundo sintagma entoacional de (1) é abandonado antes de chegar no sintagma fonológico portador do acento nuclear. Nota-se igualmente a divisão do enunciado longo em blocos rítmicos menores, intercalados por pequenas pausas e longas pausas acompanhadas de respiração, para, finalmente, chegar ao sintagma fonológico, portador do acento nuclear em 6. Os dois sintagmas entoacionais são: “o homem pega ele” e “dá um beliscão nele”. As expressões congeladas e provavelmente circuladas em outros diálogos e aparentemente “fluentes”, são também dignos de nota: R2, R3, R4, R5 e R7.

3 Objetivos, metodologia e dados

É objetivo deste artigo observar características prosódicas de disfluências na fala de V, com dados de sua fala de 2;6 a 2;8, que coincide com parte do período em que a “gagueira fisiológica” costuma aparecer. Os dados selecionados para análise, portanto, correspondem aos dois últimos meses do seu corpus.

Além das características gerais das disfluências, vamos nos deter melhor em dois aspectos das disfluências de V, a saber,

- Falsos começos e mini-pausas.
- Pausa e declinação de F⁰ nas repetições hesitativas.

V. é uma criança monolíngue falante de português brasileiro, filho único de família de nível socioeconômico médio da cidade de Maceió-AL (nordeste do Brasil), cuja fala foi gravada em vídeo durante seus 32 primeiros meses de vida, registrada a partir de 04 semanas aos 2 anos e 8 meses de idade, em situações naturalísticas de interação com seus familiares.

Dados selecionados de R, e de uma falante de português brasileiro adulto, citados em Scarpa (2015) e Scarpa, Dodane e Vasconcelos (2018), serão utilizados como comparações com os dados de V.

4 Resultados

A distribuição prosódica entre fluência e disfluência segue os princípios tanto dos dados adultos quanto dos de R. , isto é, as sílabas portadoras de acento tonal não exibem repetição hesitativa nem alongamento não-expletivo (os expletivos, sim). Os dados de (1) a (8) abaixo são evidências dessa afirmação.

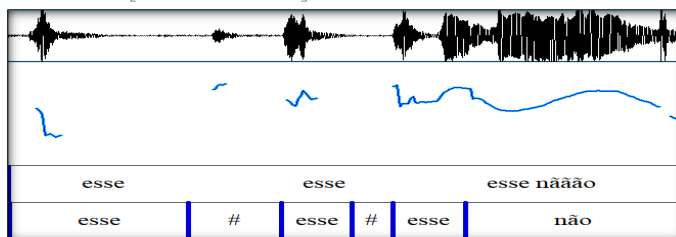
- (1) V. Não **cai**, não. Cai não.

O próximo excerto mostra, na fala de V, um falso começo (em negrito), com retomada do primeiro enunciado prosódico (tão choando também), outra sequência em falso começo, com retomada do segundo enunciado prosódico, com dois sintagmas entoacionais [e todo mundo a choá] e [chorando também]. Abaixo do dado da criança, vêm, respectivamente, e quando necessário para a leitura, uma transcrição explicativa da transcrição semi-fonética da criança e uma possível glosa ou interpretação do adulto.

- (2) M. e V. olham uma revista de histórias infantis ilustrada e falam sobre ela.
M. E o outro?
V. Ai **mã # tam# tamm #** tão choando **também #e an # ai #**
?um # e todo mundo # **a choá choando**.
Ai mã tam# tamm tão # tão chorando também #e an # ai #
?um (falso começo) e todo mundo a a (vai) chorar chorando.
Possível glosa. Estão chorando também. Todo mundo vai chorar, (tá) chorando.
- (3) Eu sei papam # eu sei # pa mm pigá **a #a# um# uma ta# tv**
Possível glosa: Eu sei, (bicho) papão, eu sei, pra mim pegar a a um uma tv
- (4) M. entrega a V. um cavalo de plástico
V. Não. **esse # esse # esse não**

A título de exemplo, a figura 1, abaixo, traz o espectrograma da emissão de V, com a sucessiva repetição da palavra fonológica [esse] antes do sintagma [esse não], cuja sílaba portadora de acento tonal é **não**.

Figura 1. Forma de onda, transcrição e marcação de pausas do enunciado [esse esse esse nãão].

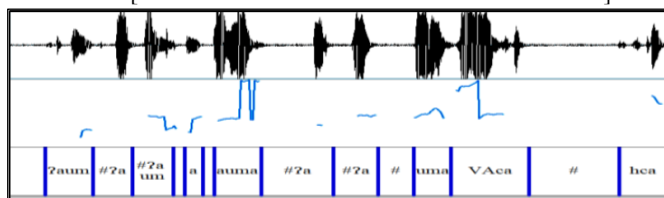


Fonte: elaboração das autoras.

Interessante notar que, em casos em que há a repetição da palavra portadora de acento frasal se dá com a criação de um outro enunciado prosódico, portadora de acento tonal e acréscimo de um som preenchedor, [h], como se vê no diálogo abaixo (5), com seu respectivo espectrograma (Figura 2).

- (5) M. E essa casinha? Quem vai morar nessa casinha?
 V. **a um a ?a uma a auma ?a ?a uma vaca # hca**
 A um a a uma a auma a a uma vaca. Hca.

Figura 2. Forma de onda, transcrição e marcas de duração do enunciado [a um a ?a uma a auma ?a ?a uma vaca # hca].



Fonte: elaboração das autoras.

Já o dado (4) pode ser também enganoso, pois as primeiras sílabas da palavra fonológica final [ca] é repetida, comportando-se como um clítico prosódico; deve ser lembrado, porém, que esta é uma aparente exceção; de fato, a sílaba tonal **si de casinha** se mantém.

- (6) V. brinca com alguns livros e animais de plástico.
V. **a faço uma ca # ca # casinha.**

Certas estratégias de reparo ocorrem em episódios de disfluência através de mudança de rumo nas escolhas lexicais e nos arranjos de domínios prosódicos.

Além disso, os dados disfluente podem trair, além de complexidades sintagmáticas e discursivas, também algumas intrigantes e inesperadas complexidades morfológicas. É o caso do uso do diminutivo na fala de V. A sequência de diálogos (7) e (8) ilustram a confluência entre disfluência e dificuldades morfológicas da língua materna. Abaixo de cada dado segue o espectrograma correspondente à emissão da criança, nas respectivas figuras 3. e 4.

- (7) V. joga o cavalo de plástico no chão e procura por outro objeto.
M. E esse é o que?
V. não!
V. **e a vaq # a (respiração) a # a pequenininha.**
M. Então procure, onde você botou?
V. num sei!

Figura 3. Forma de onda e transcrição com marcas de pausas e do enunciado [é a vaq a# (resp) a # pequenininha], emitido por V.



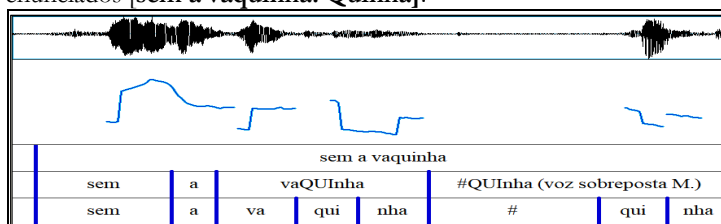
Fonte: elaboração das autoras.

A estratégia de reparo, na figura acima, é desencadeada quando a criança bloqueia e interrompe a palavra exatamente na confluência entre a raiz (vac-) e o sufixo diminutivo feminino (-inha) e hesita na emissão da vogal temática {-a}. A disfluência refletida na repetição hesitativa da sílaba da vogal temática {-a} do radical violaria a integridade do acento nuclear, pois seriam as sílabas portadoras de tal acento. Mudando, então, o alvo do acesso lexical

para a palavra “pequeninha”, com acento frasal (e nuclear) no segundo domínio criado. A repetição de “vaquinha” dentro de uma mesma unidade entonacional é substituída pelo desdobramento do enunciado fonológico com a criação de um novo sintagma entonacional, com atribuição de acento tonal próprio, precedido de pausa.

- (8) V. tenta pegar alguns brinquedos no chão
V. **sem a vaquinha # quinha.**

Figura 4. Forma de onda, transcrição e com marcas de pausas dos enunciados [sem a vaquinha. Quinha].



Fonte: elaboração das autoras.

Nos dados (5), (6) e (7), acima, as palavras no diminutivo passam por repetições, reposições, hesitações, evitações e mudança de rumo lexical. Em (6), [...ca # ca # **casinha**], a palavra fonológica (não o grupo clítico) é portadora de acento frasal, assim como o seria o malogrado **vaquinha**, que ficou em **vaq**, bloqueado que foi (dado 8) e, na continuação, o elemento bloqueado é substituído por outro item lexical, [**pequeninha**], para expressar exatamente o diminutivo. Já no dado (7), um outro domínio é acrescentado; no caso, outro enunciado prosódico, em que um sufixo é nominalizado, [**quinha**].

Esses cruzamentos entre hesitações e morfologia evocam uma das controvérsias presentes nos estudos sobre formação do diminutivo no português brasileiro. Uma das vertentes hipotetiza a independência lexical de *-zinho* (não a de *-inho*, que seria um sufixo). Segundo essa hipótese, o radical e o suposto afixo seriam, na verdade, duas formas autônomas e a formação do diminutivo em *-zinho* é um caso de derivação por justaposição e não de sufixação, como se fosse uma locução ou uma palavra composta (Camâra Jr, 1970; Leite, 1974). A outra vertente, mais dominante, é que ambos são afixos, e o **z** de *-zinho* é uma forma epentética dependendo do contexto fonológico

do radical. Parece que a criança está se colocando no papel do linguista nesses casos, no caminho de falas cruzadas das inúmeras enunciações.

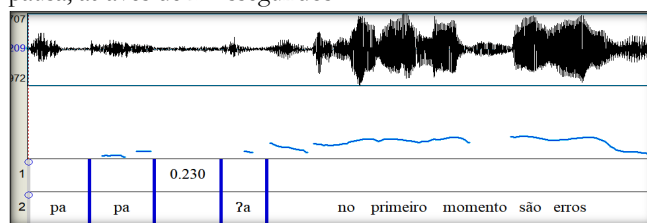
Apesar de que tais estratégias de reparo – que levam em conta segmentações e reanálises internas à palavra fonológica - são dificilmente encontradas na fala adulta, nos casos acima o acento nuclear é preservado.

4.1 Falsos começos e mini-pausas

As pausas têm sido consideradas parte fundamental da fala hesitante, dado que seu papel se estende para além das dificuldades com acesso lexical na elaboração da fala. A literatura cita dois grandes grupos de pausas que permeiam todo discurso: as erroneamente chamadas de “pausas de respiração”², isto é, aquelas que separam constituintes enunciativos maiores ou mudança de tópico, e as que ocorrem no meio de constituintes, antes de palavras ou expressões que refletem operações de acesso lexical. Normalmente pertencem ao segundo grupo aquelas vinculadas a hesitações e disfluências.

Um fenômeno comum à fala do adulto e das duas crianças é a presença de falsos começos e mini-pausas. Formam fragmentos silábicos ou sub-silábicos (bloqueios no meio da sílaba, quer mantendo o ataque ou a rima), geralmente repetidos no começo da frase fonológica, ou, mais comumente, formando sílabas tentativas ou fragmentos enunciativos abandonados e retomados mais a frente. Algumas modificações na qualidade de voz (por exemplo, voz rangida) e aumento na velocidade de fala podem ser observados nessas ocorrências.

Figura 5. Forma de onda, transcrição do enunciado [*pa* (*creeky voice*) *pa* no primeiro momento são erros], e notação de pausa, através de milissegundos.



Fonte: elaboração das autoras.

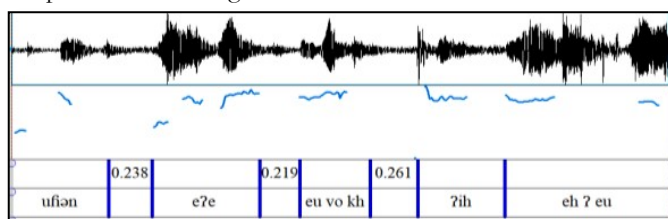
² Cruttenden (1997) chama a atenção para a inadequação desse termo e que não há evidência empírica de que as pausas no texto oral se devem à necessidade biológica de respirar. A rigor, diz ele, mais comumente pausamos a fala por alguma razão e aproveitamos para respirar e não o contrário.

A diferença entre os dados infantis e os do adulto é a quantidade e a natureza dos falsos começos presentes na fala infantil. Boa parte dos enunciados das crianças, que não sejam constituídos de expressões cristalizadas ou formulaicas em adjacência conversacional, ou blocos congelados, e que exijam algum tipo de complexidade de elaboração morfossintática, fonológica ou discursiva, exibem, ns inícios dos sintagmas fonológicos, algum tipo de falso começo. Os falsos começos constituem a maior parte das disfluências da fala infantil, o que não ocorre necessariamente com as espontâneas adultas, assim como o bloqueio das sílabas através de oclusão glotal e pausas mais longas com respiração audível, que são frequentes nos episódios disfluentes das crianças.

O trecho abaixo é o princípio, abandonado ou retomado, de um longo enunciado, que ocorre na fala de R. , com cerca de 2;11. Notar as disfluências ligadas à aquisição de encontros consonânticos.

- (9) eu compu [ufiən eʔe ʔe] eu vô [khʔ ũ ʔe:h] eu vô vlê essa flalda aqui [ʔe] que que sama fástica pástica
eu compro [falsos começos] eu vou [falsos começos] eu vou ver essa fralda aqui que que chama calça plástica.

Figura 6. Forma de onda e transcrição da sequência de falsos começos [ufiən, eʔe, eu vo kh, ʔih e ehʔeu], com as medidas das pausas em milissegundos.



Fonte: elaboração das autoras.

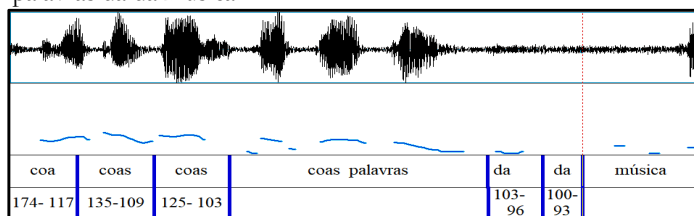
Há também, nos dados de V, frequentes vestígios de tentativas de iniciação da emissão, através de abandono ou truncamento de palavras efetivamente parte do seu léxico. Ilustram essas tentativas os dados (4) e (5), representados, respectivamente, pelos espectrogramas das figuras (1) e (2), acima.

4.2 Pausa e declinação de F⁰ nas repetições hesitativas

A distribuição prosódica entre trechos fluentes e disfluentes também se faz com a tendência ao sucessivo abaixamento de tessitura (F⁰) nos trechos de repetições hesitativas. Esse fenômeno, reportado por Viscardi (2012) e Scarpa e Fernandes-Svartman (2012), contribui para marcar o relevo negativo no discurso, com um possível efeito neutralizador do trecho de hesitação. Por sua vez, é interessante notar que a configuração tonal de focalização, logo após o trecho de repetições hesitativas, marca relevo positivo no discurso, chamando a atenção do interlocutor para esse último trecho. É uma espécie de antecipação, para o interlocutor, que o processo de focalização vem a seguir.

A figura 7 mostra, com dados da fala adulta, o progressivo abaixamento a partir primeira emissão do clítico coas (contração da preposição com + artigo definido feminino plural as), até a terceira, antes do sintagma fonológico [coas palavras]. As medidas de F⁰ têm, tomadas do ponto mais alto ao mais baixo, sucessivamente, pequena queda relativa: 174-117 > 135-109 > 125-103. O mesmo ocorre, no mesmo enunciado, com as duas emissões do clítico da (preposição de + artigo definido feminino a) 103-96 > 100-93.

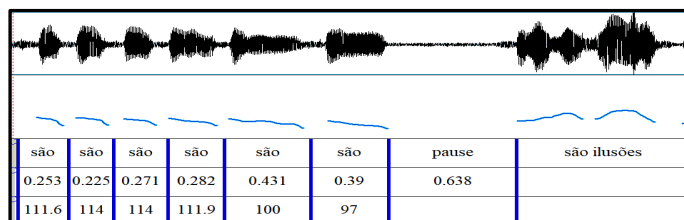
Figura 7. Forma de onda, transcrição e segmentação com indicações das variações das medidas de F⁰ do trecho “coas coas coas coas palavras da da música”.



Fonte: elaboração das autoras.

A figura 8 mostra tanto a declinação de F⁰ na sequência de 5 emissões de [são], subsequentes à matriz (primeira emissão) e seguidas de pausa mais longa. As medidas de frequência tomada no ponto terminal do tom ascendente de cada emissão são: 111.6 > 114 > 114 > 111.9 > 100 > 97. Com relação à duração das sílabas, nota-se o relativo ralentamento da velocidade de fala, com durações progressivamente maiores das sílabas.

Figura 8. Forma de onda, transcrição e medidas de altura e contour de F⁰, indicações das durações silábicas e da pausa do excerto “*são são são são são são... são ilusões*”, produzido pelo adulto.



Fonte: elaboração das autoras.

Não ocorre o mesmo na fala da criança, nos dados observados. As repetições de sílabas iniciais de palavras ou de clínicos prosódicos não exibem a mesma declinação de altura, como se pode ver nos dados 4 (figura 1), 5 (figura 2), 7 (figura 3) e 9 (figura 6). Assim, pode-se dizer que há favorecimento, por parte da criança, de expressar hesitação através de falsos começos e bloqueios nas dificuldades de acesso lexical, ao passo que o adulto favorece o prolongamento da pausa e a declinação de F⁰ nas repetições hesitativas. Viscardi (2012) chega a conclusão semelhante na comparação entre sujeito afásicos e não-afásicos. Os não-afásicos preferem o prolongamento da pausa e a declinação de altura antes das hesitações ditas “de projeção”, isto é, aquelas que anunciam a próxima palavra ou sintagma, ao passo que não observa essa tendência na fala dos afásicos. É muito provável que a criança esteja maximizando o uso de falsos começos (aí incluídos os bloqueios com oclusão glotal), e pausas com respiração para o acesso lexical e organização do planejamento do enunciado e do discurso, funções que demandariam operações cognitivas mais complexas.

5 Conclusões

Os resultados permitem concluir que, na fase chamada de “gagueira fisiológica” as disfluências hesitativas, na fala infantil, são melhor explicadas como aquisição das fronteiras prosódicas e dos sistemas entonacionais da língua materna em frases mais longas. Ocorrem com mais frequência nas sílabas átonas do começo do enunciado e não naquelas portadoras de acento nuclear, rítmico e melódico.

As marcas de disfluência da fala da criança não parecem, neste caso, traços de gagueira fisiológica (beirando a patologia), mas marcas próprias de

aquisição de fronteiras de palavras fonológicas dentro da frase entonacional/enunciado prosódico, isto é, fazem parte da aquisição do ritmo, velocidade de fala, sistemas entonacionais da língua materna, a partir de uma fase em que começa a produzir enunciados mais logos e mais complexos gramatical e discursivamente. Em outras palavras, são parte do processo normal de aquisição de marcas próprias da oralidade e da própria dinâmica da fala, além de serem vestígios fragmentados da inserção dos diálogos com outros interlocutores e das demandas linguísticas e discursivas da língua. Igualmente, não se pode dizer que as disfluências da “gagueira infantil” desaparecem sob a pressuposição de que a fala adulta é destituída de disfluências.

Como já insiste Scarpa (2015), as marcas disfluente, hesitativas ou não, não são excessivas, descartáveis, resíduos errôneos da fala, nem do adulto, nem da criança. Podem, pelo contrário, fornecer pistas ao sujeito – e ao pesquisador - de interface entre componentes, pela sua distribuição prosódica. Como mostram os resultados, as “dificuldades” presentes nos trechos espontâneos das crianças não envolvem apenas a instâncias enunciativas que mostram a lida com complexidades semântico- pragmáticas, mas também fonológicas (estrutura da sílaba, no caso da aquisição dos grupos consonânticos) e morfológicas (como vimos, da formação do diminutivo).

REFERÊNCIAS

- BISOL, L. **O diminutivo e suas demandas**. São Paulo: D.E.L.T.A. vol.26, n.1, p.58-85, 2010.
- CAMARA JR., J. M. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1970.
- CRUTTENDEN, A. **Intonation**. Cambridge University Press, 2a. edição, 1997.
- LEITE, Y. de F. **Portuguese Stress and Related Rules**. Tese de Doutorado. Universidade de Texas, 1974.
- MERLO, S. **Hesitações na fala semi-espontânea: análise por séries temporais**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2006.
- MERLO, S; BARBOSA, P. Séries temporais de pausas e de hesitações na fala espontânea. Campinas: **Cadernos de Estudos Linguísticos**, vol. 54-1, pag. 11-24.

SCARPA, E.M; FERNANDES-SVARTSMAN, F. A estrutura prosódica das disfluências em português brasileiro. Campinas: **Cadernos de Estudos Linguísticos**, SP, v. 54, n. 1, p. 25–40, 2012. DOI: <https://doi.org/10.20396/cel.v54i1.8636969>.

SCARPA, E.M. Disfluências e estrutura prosódica na fala adulta e infantil. João Pessoa: **Prolíngua**, vol. 10, pag. 30-42, 2015.

SCARPA, E.M; DODANE, C. ; VASCONCELOS, A.N. Hésitations et faux-départs dans le langage adulte et enfantin : Le rôle de la prosodie. Paris, **Langages**, vol. 211, pag. 41-59, 2018.

VISCARDI, J. Repetições hesitativas em fala afásica e não-afásica. Campinas, **Cadernos de Estudos Linguísticos**, 54-1, 97-115, 2012.

Recebido em 22 de junho de 2022.

Aprovado em 20 de agosto de 2022.

Publicado em 30 de dezembro de 2022.

SOBRE AS AUTORAS

Ester Mirian Scarpa é professora titular aposentada do Departamento de Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Tendo se graduado em Letras Românicas pela atual UNESP em 1968, tem mestrado em Linguística pela UNICAMP e doutorado pela Universidade de Londres, Reino Unido, em 1984. Fez estágios de estudos de pós doutoramento em Oxford, Reading e Newcastle.

Processo CNPq no.304417/2018-1

Angelina Nunes de Vasconcelos é docente do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas. Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (2017). Mestre em Psicologia Cognitiva pela Universidade Federal de Pernambuco (2013) e graduada em Psicologia pela Ufal (2010). Pesquisadora com foco nos seguintes temas: psicologia escolar educacional; aquisição da linguagem; argumentação; psicologia cognitiva.